

A PELEJA DO POVO COM OS DONOS DO MUNDO. – A INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICA DO NOTICIÁRIO SOBRE A REUNIÃO DO G-8 EM GÊNOVA, JULHO DE 2001.

Gustavo Borges Costa
Universidade de Brasília

Introdução - O título do presente texto é antes de tudo uma provocação. Remete-nos às formas populares de literatura brasileira, especificamente nordestina, como os cordéis. O cordel enquanto ficção marcadamente narrativa desenvolve curta “estória” temperada por elementos fantásticos, fantasiosos, sagrados e profanos, sobre fatos reais ou lendas locais, manifestações concretas do imaginário coletivo. Comunicação antropológica, nós poderíamos arriscar. Contudo o que faremos aqui é a análise de uma cobertura jornalística que de acordo com os resultados obtidos “contou” uma curta história, temperada por elementos fantásticos, sagrados e profanos, como uma manifestação concreta do imaginário coletivo.

Mas o que aproximaria a literatura do jornalismo? O jornalismo exerce o papel ritual e diário de informar e re-inserir o leitor no mundo e na realidade. Traz consigo os fragmentos da História (aqui entendida como a trajetória da humanidade) em partículas periódicas do cotidiano, ao narrar a vida a partir de fatos que chamam a atenção e merecem notoriedade sob determinados critérios. Assumimos neste estudo, que a prática do jornalismo de recontar periodicamente a realidade, também é uma forma de comunicação antropológica, como a poesia popular ou outra forma literária. Pois, a narrativa jornalística possibilita a construção de sentidos que transcendem a mera referencialidade objetiva. Esta narrativa observada em uma sequência de notícias sobre o mesmo fato, uma cobertura periódica, como a cobertura da reunião do G-8, em Gênova, feita pelo jornal O Estado de São Paulo, entre os dias 18 e 24 de julho de 2001, possibilita uma arqueologia simbólica rica e reveladora. Transforma-se em espaço

de manifestação do imaginário coletivo mesmo que sobre factuais. Este artigo tem por objetivo demonstrar tal capacidade de comunicação antropológica do jornalismo.

O procedimento interpretativo não dispõe de um modelo fechado e definido a ser aplicado, mas de uma orientação teórico-metodológica que nos oferece a Análise da Narrativa como profícua ferramenta, juntamente com conceitos e métodos propostos por autores como Northrop Frye e Paul Ricoeur. A AN permite analisar as notícias sucessivas sobre o caso como um conjunto de ações encadeadas a formar um enredo. Sem limitar-se ao plano discursivo, a AN propicia ampliar a interpretação ao plano diegético. Ao iniciar a interpretação simbólica da cobertura jornalística percebemos o encadeamento de eventos ao longo dos dias em sucessão a formar uma sequência narrativa e a construir um enredo. Tal enredo é composto pela construção discursiva do próprio jornal e constitui a base interpretativa da análise.

O esperado encontro ou o conflito anunciado. - Iniciamos nossa análise apresentando os “resíduos de memória” que trazem informações e sentidos sobre o que estava para acontecer com base no passado. Tais fontes informacionais têm papel fundamental na construção do imaginário atuante na expectativa sobre os fatos narrados pelas notícias do jornal, seja da posição de narrador, seja de leitor. Essa contextualização posiciona a interpretação e informa ao leitor-intérprete sobre o ponto de partida da narrativa. A cobertura da reunião dos líderes do G-8 em Gênova ocorreu em julho de 2001. A própria narrativa dá conta de rememorar o leitor que as reuniões de líderes mundiais e de grandes instituições financeiras como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional e conferências como o Fórum Econômico Mundial tiveram, a partir de 1999, protestos cada vez mais efusivos e violentos. Manifestantes e ativistas reivindicaram políticas justas, apoio aos países pobres, proteção ambiental, combate às epidemias e um processo de globalização mais democrático ou simplesmente, a não-globalização.

A retomada destes fatos da memória permite construir o cenário e a expectativa para o desenrolar do enredo. Manifestações cada vez mais violentas nos encontros internacionais de líderes mundiais carregam o imaginário de imagens sobre a possibilidade de que tal coisa se repita. Construiu ambiente de tensão e criou expectativa de acontecimentos a denotar o estado de conflito e o curso ao enfretamento e à violência. Se por um lado a expectativa alimenta o interesse jornalístico de noticiar fatos marcantes e importantes, demanda o interesse de um leitor ávido para acompanhar a sequência dos acontecimentos. A memória age na construção semântica da narrativa, do enredo, e na estratégia comunicativa. O conflito está anunciado.

As notícias que compõem a cobertura do Estado de São Paulo são originadas na sua maioria de agências de notícias e da redação da empresa na cidade de São Paulo. O jornal não enviou correspondente à Itália e cobriu os fatos à distância. A possibilidade de contar com diversas fontes institucionais garantiu boa diversidade e quantidade de informação. Os eventos foram narrados de forma distanciada, e objetivada em sua forma. Ao considerar o paradigma da objetividade do jornalismo, o relato buscou-o em sua sintaxe nas notícias principais, narrando de forma fria e plural, concedendo espaço a todos os envolvidos. Nas suítes que completavam as informações das notícias, matérias assinadas de jornalistas estrangeiros apresentavam uma outra perspectiva narrativa. Colocavam mais claramente sua visão dos fatos à medida que procuravam descrever as personagens, dar sentidos às ações e estabelecer uma ou outra previsão. Estas suítes possuem características estilísticas próprias do gênero opinativo jornalístico do comentário, em que um jornalista conhecedor da matéria em pauta, é agente da notícia procurando dar nexos aos fatos noticiados, explicando e conferindo significados e prognósticos (expectativa)¹. Ao procurar a separação do que é próprio do gênero (comentário) das peculiaridades dos autores, constatamos sua participação ativa (do comentário) no processo de

¹ O comentário explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas conseqüências. Nem sempre o comentarista emite uma opinião explícita. Seu julgamento é percebido pelo raciocínio que utiliza, pelos rumos da sua argumentação. In MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. 2ed. Petrópolis: Vozes. 1985. p.109.

construção dos personagens, tal como eles o enxergavam. Mesmo o fato de terem sido vários os comentaristas, algo predominou durante a descrição dos personagens. Quando procuravam diferenciar alguns manifestantes: *Estadão (18/07)* – “Manifestantes já divergem entre si, pois há partidários da provocação e da violência, e adeptos do diálogo respeitoso”.

O conceito de intriga é definido como “plano de organização macroestrutural do texto narrativo que se caracteriza pela apresentação dos eventos segundo as determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias”. A intriga dá conta de uma “ordenação temporal: à linearidade de consecução das ações” ao tempo que encaminha tais ações para um desenlace. A observação de como a intriga foi desenvolvida através de ações e eventos ocorrendo paulatinamente a cada dia, sempre a deixar algo por acontecer, e a fomentar a curiosidade do leitor para dia seguinte, descreve a narrativa de uma novela².

A estrutura narrativa está montada em torno de um conflito ideológico entre os líderes do G-8 personificados pelo presidente dos Estados Unidos George W. Bush (personagem que possui fala) e os manifestantes anti-globalização, que não possuem uma personagem singular e representativa, com poder de fala dentro da narrativa. E é deste conflito que trata a intriga. Os diversos eventos posicionam antagonicamente as duas personagens, centrais na intriga e em tensão constante. Da expectativa inicial de um confronto dos manifestantes e das forças de segurança até os desdobramentos destes, a tensão e o antagonismo destas personagens permaneceram através de suas falas e ações. Ao final da narrativa não houve superação de personagem sobre outra. No texto, os manifestantes não impediram os encontros, nem as tomadas de decisões unilaterais (G-8) sobre as políticas internacionais globais, nem os acordos militares entre os EUA e a Rússia, nem conseguiram qualquer decisão positiva face à proteção

² REIS, C. & LOPES, A.C.M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo. Ática. 1988.p.212.

ambiental ou política de redução de pobreza, ou qualquer das reivindicações em pauta. Os líderes não impediram as manifestações, nem a violência, enfrentaram a pressão da morte de um manifestante e não obtiveram apoio ou qualquer convencimento popular sobre suas decisões. O conflito permanece latente.

Os personagens atuantes da narrativa são o G-8 que age através do presidente americano George W. Bush, os manifestantes como uma personagem única, o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi e o Ministro do Interior Cláudio Scajola. O discurso (mensagem) dos manifestantes está em suas ações e nas informações constantes da narrativa, mas não há fala direta. Na narrativa os manifestantes foram classificados católicos ou anarquistas radicais. Cada um recebeu um modelo paradigmático na forma de duas pequenas personagens sem participação na intriga. O católico se chama Vittorio Agnoletto e o anarquista radical se chama Luca Casarini. Tal descrição foi feita na suíte da notícia da morte a tiros do manifestante Carlo Giuliani no início da cúpula, é assinada por Richard Owen, do *The Times*, no dia 21 de julho, e seu título é “Radical e Católico diferem até na aparência”.

Estadão (21/07) - Casarini é o “homem selvagem”; Agnoletto é o cristão praticante que parece escoteiro. Os dois não só determinaram a agenda do G-8, cuja concentração na pobreza mundial se deve muito aos protestos que eles lideraram, mas também forçaram as autoridades italianas a adotarem medidas de segurança que talvez sejam as mais drásticas já utilizadas durante uma conferência de cúpula internacional moderna. O *signor* Casarini tende a atrair mais a atenção da mídia, por causa de sua aparência de “homem selvagem”, e também por ser o mais franco entre os líderes anti-g-8, dispondo-se até a posar para fotografos na sua máquina de guerra caseira, enquanto se prepara para enfrentar as forças policiais. Nascido em Veneza e inspirado, segundo afirma, pelo filme *Coração Valente*, ele é “ativista de rua de carreira” desde a adolescência e veterano de manifestações violentas contra a Organização Mundial de Comércio e a União Européia. O *signor* Agnoletto usa paletó e gravata e é a voz da moderação. Médico de fábrica e fundador de uma organização italiana de combate

à aids, Agnoletto é líder do Fórum Social de Gênova. Ex-estudante radical de Milão, Agnoletto é católico praticante e “tem um pouco de escoteiro” de acordo com seus amigos. A narrativa destes modelos de manifestantes descreve o seguinte:

O radical Luca Casarini a) é homem selvagem, b) tende a atrair mais a atenção da mídia, c) possui sua máquina de guerra caseira, d) se prepara para enfrentar as forças policiais, e) é inspirado pelo filme *Coração Valente*, f) é “ativista de rua de carreira” desde a adolescência e g) veterano de manifestações violentas contra a Organização Mundial de Comércio e a União Européia.

O católico Vittorio Agnoletto a) usa paletó e gravata, b) é a voz da moderação, c) é médico de fábrica e fundador de organização italiana de combate à aids, d) é líder do Fórum Social de Gênova, e) ex-estudante radical de Milão, f) é católico praticante e g) “tem um pouco de escoteiro” de acordo com seus amigos.

Os radicais representados paradigmaticamente por Casarini, são apresentados como pessoas selvagens, que se preparam para guerra contra as forças policiais bem equipados, tem inspiração em filme de luta pela libertação de um povo oprimido (no caso, os escoceses), e fazem manifestações de rua violentas como prática cotidiana desde adolescentes.

Os católicos vistos através de Agnoletto vestem-se bem, são moderados, tem profissão e exercem atividades de solidariedade social, tem espírito de liderança, deixaram o radicalismo no passado, são católicos praticantes e tem um pouco de escoteiros, que estão “sempre alerta” para ajudar ao próximo.

Fica clara, a valorização da postura dos católicos, pois, estes estariam dispostos a debater moderadamente, sem violência, e com explícitas intenções de solidariedade. Enquanto os radicais procuravam a violência e a atenção da mídia. A predileção pelos manifestantes católicos surge como uma alternativa pacífica de ativismo, mais do que a valorização da religião enquanto ideologia. É a

esperança de que a paz prevaleça. Desde o dia 19 de julho já se apontava preponderância dos esforços dos católicos sobre dos ativistas radicais, chamados anarquistas, em suíte assinada por Gilles Lapouge.

Estadão (19/07) - Católicos podem ter mais força que anarquistas, pois os jovens são apoiados por altas instâncias da Igreja que adotou posição contra globalização. Os mais perigosos entre os 120 mil manifestantes não serão os anarquistas, os libertários do Tutte Bianche, os trotskistas. Talvez sejam os católicos, que não estarão nas provocações e distúrbios, nos coquetéis molotov. Seu número, seu fervor, a autoridade moral concedida por Deus, a igreja e o Papa João Paulo II, terão força espiritual provavelmente mais mortífera do que as granadas dos arruaceiros. A polícia de Gênova procurava cabos de enxada, bolas de aço, atiradeiras, estilingues e cartas-bomba. Em Gênova e outras cidades se multiplicavam os jejuns, as vigílias de orações, as concentrações, os abaixo-assinados. Os “Papa-boys” tem como seu “poderoso chefe” o próprio papa João Paulo II, que os exortou a serem os sentinelas do amanhã.

Análise: a) Católicos podem ter mais força que anarquistas, b) são apoiados por altas instâncias da Igreja, c) talvez sejam os mais perigosos, d) não estarão nas provocações e distúrbios, nos coquetéis molotov, e) tem fervor, f) tem autoridade moral concedida por Deus, pela igreja e o Papa João Paulo II, g) terão força espiritual provavelmente mais mortífera do que as granadas dos arruaceiros. Os católicos surgem como a alternativa pacífica, a autoridade consagrada que garantirá vitórias desejadas sem violência.

O presidente George W. Bush é o personagem que centraliza as oposições dos manifestantes desde o início da narrativa, pois é sua a primeira fala sobre os manifestantes e suas as últimas ações.

Estadão (18/07) - Bush critica antiglobalistas que vão ao G-8, defende doações não empréstimos aos países pobres.- “Os que protestam contra o livre comércio não são amigos dos pobres e rejeitam a esperança de superar a pobreza”.— disse Bush.

O Primeiro-Ministro italiano Silvio Berlusconi surge como uma personagem oposta aos manifestantes por ser a autoridade italiana maior, responsável pelo abrigo dos líderes e da segurança do evento. Sua oposição é dividida mais adiante na narrativa com o responsável direto pelas forças de segurança, o ministro de interior Cláudio Scajola a partir do evento da morte de um manifestante por policial.

Análise da Narrativa - Desde o início da conformação da intriga, há a preparação para um confronto iminente entre manifestantes e a força de segurança dos líderes. A narrativa apontava o sentimento das pessoas de diversas partes do mundo contra a acentuação das desigualdades causadas a partir do processo de globalização. Globalização que estabeleceu políticas econômicas que beneficiaram os países mais ricos e fragilizaram os mais pobres. Uma insatisfação popular com as decisões unilaterais dos líderes da cúpula do G-8 e dos organismos internacionais como a OMC e o FMI, a interferir nos diversos países do mundo. A negligência destes líderes mundiais face às questões ambientais gerou revolta em todo mundo e centrou as atenções no presidente americano George W. Bush, que se negou a assinar o Protocolo que propôs reduzir a emissão de gases poluentes, e anunciou que iria fechar acordo sobre armas nucleares com o presidente russo Vladimir Putin. Estas questões ajudaram a mover o imaginário da reunião para um embate. Com base nos últimos eventos em que houve violência nas manifestações, um arsenal de guerra foi deslocado para garantir o curso da reunião. À medida que os manifestantes chegavam à cidade de Gênova, a tensão aumentava através das declarações do presidente Bush, e de bombas enviadas a empresas italianas. A tensão e a iminência de um confronto violento dirigiam a estratégia narrativa, a conformar a intriga e fomentar a curiosidade do leitor.

Observamos: As ações se sucederam durante todos os sete dias constantes da narrativa; o tempo da estória é igual ao tempo do discurso; o ritmo das ações obedece à seqüência dos dias aumentando à medida que a narrativa segue. No dia 18 várias ações tomaram lugar e as personagens demarcavam sua

posição na intriga. Daí em diante, sucederam em intensidade com o passar dos dias a complicar a trama, e o estopim da morte do manifestante dando vazão a ações das duas personagens que até então participavam ativamente (manifestantes e Bush) e de outras que tomaram parte como Berlusconi e Scajola. A composição – ordenação da seqüência – da narrativa das ações se dá de forma tensa no início, com a expectativa de um confronto violento, e depois que este se deu tragicamente, fluiu de forma dramática e psicológica, atraindo a atenção do leitor para o evento seguinte. A expectativa foi transportada para os desdobramentos da morte do manifestante, a partir da abertura de inquérito pela promotoria italiana, das repercussões sobre o ministro do interior e sobre o policial que havia atirado, e se haveriam mais mortes. A composição da intriga não privilegiou a reunião de cúpula e nem as questões que estavam sendo discutidas, mas em quase todos os dias surgia como questão central do conflito o combate à pobreza nos países periféricos. A composição da intriga pode ser classificada como aberta, pois carece de desenlace e os episódios são encadeados de forma variada.

A análise da lógica narrativa surge importante por suscitar a uma importante reflexão. Constatamos que os eventos nucleares das ações se moviam em torno do conflito entre os manifestantes e os líderes do G-8, que o tema central presente nos diversos discursos era o combate à pobreza, mas que a intriga foi montada em torno dos desdobramentos dos confrontos dos manifestantes com a força de segurança italiana dos líderes do G8. Observamos que os personagens ganharam contornos em torno de suas posições no conflito e que particularmente os manifestantes, que tinham o poder da ação e do controle dos eventos e seus desdobramentos a medida que agiam violentamente ou não e seus protestos. Tal como foram classificados, os manifestantes – personagens de poder condutor da intriga – tinham dois caminhos a escolher: O radicalismo anarquista descrito paradigmaticamente em Luca Casarini com sua máquina de guerra, seu preparo para o combate de policiais; ou o ativismo moderado dos católicos que preferem usar a autoridade espiritual conferida por Deus, Igreja e o Papa João Paulo II

para forçar os líderes mundiais a combater à pobreza. A tensão psicológica foi propulsora dos eventos e elemento atrativo da narrativa.

Podemos constatar então que o enredo contou “formalmente” a **estória do confronto entre manifestantes e as forças de segurança durante a reunião de líderes internacionais que discutiriam o combate à pobreza**. Este ponto é importante para encaminharmos nossa interpretação simbólica. Olhando para este plano da estória, observamos que o esforço dos autores que se colocaram mais presentes na narrativa, os comentaristas estrangeiros que citamos, de separar os bons manifestantes dos maus manifestantes, era menos desqualificar as pessoas, afinal, elas não tinha cara senão um modelo - Casarini, que não protagoniza nenhuma ação, e mais de sugerir caminhos.

Até o primeiro confronto, ocorrido no dia 20 de julho, a narrativa tratou de enfatizar a força da manifestação pacífica e moderada dos católicos, como aparece na narrativa do dia 19 de julho. Mais do que acreditar piamente no poder dos manifestantes católicos como eficaz, a mensagem remete à relação que estes têm com uma força divina, sagrada, com uma autoridade espiritual concedida por Deus, a Igreja e o Papa que alcance a graça de alcançar os objetivos de acabar com a pobreza de forma pacífica. Até os confrontos se concretizarem tragicamente, o sentido emergente da narrativa nos remete ao apelo ao sagrado por paz, um mundo mais justo, ao tempo que temia a efetivação de um cenário de guerra descrito.

A partir da morte do manifestante, a narrativa dos confrontos passou a comparar as ações dos manifestantes com as dos líderes reunidos. Enquanto ativistas eram presos e feridos, os líderes cancelavam a dívida de países pobres. Enquanto a crueldade das forças segurança era criticada, Bush e Putin assinavam acordo militar sobre armas nucleares, o ministro Scajola defendia o policial que atirou no manifestante, e a promotoria abria processo por homicídio. A paz e a justiça permaneciam o epicentro psíquico da narrativa. Dois dias narrativos após a morte do manifestante só há uma ação

ocorrida que é o anúncio dos líderes de que *pretendem trazer os países pobres para a economia mundial e fazer a globalização funcionar para mais países*. E no dia seguinte, e último, não há ação sequer sobre confronto. Além de declarações de personagens, há o evento de uma carta-bomba sem poder letal, que mantém a tensão, mas não configura confronto. Mantém, sim, aceso conflito, sem vencedores até então.

Está contido na narrativa o desejo de um mundo melhor, o que Frye denomina de o mito da busca, e Lluiz Duch de a busca do paraíso perdido. O desejo inconsciente de alcançar a paz e a justiça, ainda que não se denote caminho racional ou materialmente possível. Por isso o apelo ao sagrado, na forma da autoridade espiritual de concessão divina aos manifestantes católicos, e estes, transfigurados nos sentinelas do amanhã. “Em Gênova e outras cidades se multiplicavam os jejuns, as vigílias de orações, as concentrações, os abaixo-assinados. Os “Papa-boys” têm como seu “poderoso chefe” o próprio papa João Paulo II, que os exortou a serem os sentinelas do amanhã”.

A cobertura não se ateve somente a fatos econômicos ou decisões dos líderes, mas, majoritariamente, aos confrontos entre manifestantes e as forças de segurança. Ao tempo que o foco centrava na guerra, a paz era sinalizada periféricamente nas brechas subjetivas do texto. Seja na sobrevalorização dos católicos em relação aos “anarquistas radicais”, ou na investidura por eles recebida da igreja, do Papa e de Deus.

Observando como o enredo se coloca simbolicamente, interpretamos seu sentido da forma como iniciamos este trabalho. Como a estória de uma luta, de uma batalha sem vencedores ou heróis. O empenho pela realização de uma política global mais justa e igualitária, para além de fronteiras geopolíticas ou regras e tratados internacionais. Transcende condição histórica-cultural, a um nível mais essencial e ontológico, o homem. Este, o real sonhador do tempo do paraíso, de paz, luz, bonança,

reconciliação com o sagrado salvador, que os conduzirá até lá. Da guerra à paz, no que Lluiz Duch chama de <<coincidência opositora>>, o polifacetismo semântico da narrativa, do relato, da palavra.

Ao assumir a proposta de Ricoeur de que interpretando, nós nos situamos no mundo, identificamos essa estória de uma batalha, como uma peleja popular, tal como tradicionalmente escrita nos contos populares de cordel nordestino, tal como o percebeo, pernambucano como eu. No intuito de ilustrar a interpretação, re-escrevo a narrativa em simples e desprezioso verso popular. A narrativa do jornal elaborou um enredo e contou uma história, que narrada sob as amarras factuais e temporais do discurso jornalístico, mas que não se fez presa, e falou. Falou de uma realidade mais ampla que a referência material: a realidade humana, polifacética e polissêmica, de razão e emoção, de *Logos* e *Mythos*. Comunicação antropológica, poderíamos arriscar.

A PELEJA DO POVO COM OS DONOS DO MUNDO

Povo do mundo invade a Itália	Mas armas deram conta de achar	Gritam para ver se alguém escuta	Trazer pra perto o moribundo
Pra pelejar por justiça e paz	Muita resistência a sua peleja	Que assim o mundo vai acabar	Das bandas d'África ou os latinos
A Reunião dos mais ricos faz	Protesto pacífico almejam	É bem mais necessário encontrar	Onde morrem de fome os meninos
Que luta e protesto a pena valham	Pra pobreza do mundo se esgotar	Saída pro fim dessa disputa	No abismo social sem fundo
Pois bem de Deus tarda e não falha	E a morte não demora a chegar	Sem diálogo resta força bruta	Um Paraíso perdido procura
Todos os desejos realizar.	A mudar o caminho da luta	A deixar de sangue o chão i mundo	A peleja com os donos do mundo.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- BERGER, P & LUCKMAN, T. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Vozes. 2001.
- DUCH, Lluiz. *Mito, Interpretación y Cultura*. Barcelona. Piados. 1999.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso*. São Paulo. Martins Fontes. 1996
- FRYE, Northrop. *Fábulas da Identidade*. São Paulo. Nova Fronteira. 1992.
- JUNG, C.G. *Civilização em Transição*. Petrópolis. Vozes. 1993.
- JUNG, C.G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis. Vozes. 2000.
- MELO, José Marques de. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis. Vozes. 2ed. 1985.
- REIS, C. & LOPES, A.C.M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo. Ática. 1988.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 2 ed. 1983.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa- tomo I*. Campinas. Papirus. 1994.

TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo. Perspectiva. 1979.